

STEVEN D. STEPHEN J.
LEVITT & DUBNER

SUPER FREAKONOMICS

O LADO OCULTO DO DIA A DIA

CONTEÚDO TOTALMENTE NOVO

Tradução

Afonso Celso da Cunha Serra

Professor de Especialização em Tradução

PUC-Rio, CCE



ALTA BOOKS
EDITORA

Rio de Janeiro, 2019

SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA xv

Onde admitimos ter mentido em nosso livro anterior.

INTRODUÇÃO: ADICIONANDO EXCENTRICIDADE (FREAK) À ECONOMIA (ECONOMICS): FREAKONOMICS 1

Onde o colapso financeiro global é totalmente ignorado em favor de temas mais fascinantes.

Os perigos de andar bêbado... Os salvadores implausíveis de mulheres indianas... Afogando-se no esterco de cavalo... Afinal, o que é “freakonomics”... Tubarões desdentados e elefantes sanguinários... Coisas que você sempre achou que sabia, mas não sabia.

CAPÍTULO 1

POR QUE PROSTITUTA DE RUA É COMO PAPAÍ-NOEL DE SHOPPING?17

Onde exploramos os vários custos de ser mulher.

Conheça LaSheena, prostituta part-time... Um milhão de “bruxas” mortas... As muitas maneiras de punir as fêmeas por serem fêmeas... Mesmo as mulheres do Projeto Radecliffé pagam o preço... A lei cria empregos para as mulheres; e os homens ficam com eles... Uma em cada 50 mulheres é prostituta... O florescente negócio de sexo na velha Chicago... Uma pesquisa como nenhuma outra... O desgaste da remuneração das prostitutas... Por que o sexo oral ficou tão barato?... Cafetões versus corretores de imóveis... Por que os policiais adoram as prostitutas... Para onde foram todas as professoras?... Será que os homens amam o dinheiro tanto quanto as mulheres amam as crianças?... Será que a mudança de sexo pode turbinar o seu salário?... Conheça Allie, a prostituta feliz; por que não existem mais mulheres como ela?

CAPÍTULO 2

POR QUE OS HOMENS-BOMBA DEVEM ADQUIRIR SEGURO DE VIDA? 53

Onde analisamos questões instigantes referentes ao nascimento e à morte, com maior ênfase na morte.

O pior mês para ter bebê... A roleta natalícia também afeta os cavalos... Por que Albert Aab ofuscará Albert Zyzmor... A corcova dos aniversários... De onde vem o talento?... Algumas famílias produzem jogadores de beisebol; outras produzem terroristas... Por que o terrorismo é tão barato e fácil... Os efeitos de gotejamento dos ataques do 11 de Setembro... O homem que conserta hospitais... Por que as mais novas unidades de emergência já estão obsoletas... Como distinguir um bom médico de um mau médico... “Mordido por um cliente no trabalho”... Por que é melhor ser atendido por uma médica na unidade de emergência... Várias maneiras de driblar a morte... Por que a quimioterapia é tão usada, embora raramente funcione? ... “O câncer ainda é um chute na bunda”... Guerra: Será que é assim tão perigosa?... Como pegar um terrorista.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIAS INCRÍVEIS SOBRE APATIA E ALTRUÍSMO.....89

Onde as pessoas se revelam não tão boas quanto se imaginava, mas também menos más.

Por que 38 pessoas assistiram ao assassinato de Kitty Genovese?... Com vizinhos como esses... O que provocou a explosão de criminalidade da década de 1960?... Como a ACLU estimula a criminalidade... Seriado de TV da década de 1950: não tão inocente quanto parecia... As raízes do altruísmo, puras e impuras... Quem visita asilos de idosos?... Desastres naturais e dias monótonos (para quebrar a monotonia)... Os economistas fazem como Galileu e vão para o laboratório... A simplicidade brilhante do jogo Ditador... As pessoas são tão generosas!... Ainda bem que existem “doadorciclistas” (motociclistas doadores de órgãos)... O grande experimento renal iraniano... Da cabine de um caminhão à torre de marfim... Por que as pessoas reais não se comportam como participantes de experimentos?... A dura verdade suja sobre o altruísmo... Os espantalhos também enxotam pessoas... Kitty Genovese revisitada.

CAPÍTULO 4

CONSERTAR ESTÁ NA MODA – E É BARATO E SIMPLES.....121

Onde se encontram soluções surpreendentes para problemas aparentemente intratáveis.

Os perigos do parto... Ignatz Semmelweis parte em socorro... Como a Lei das Espécies Ameaçadas ameaça as espécies... Maneiras criativas de não pagar taxa de lixo... O entesouramento do fórceps... A fome que não houve... Trezentas mil baleias mortas... Os mistérios da pólio... O que realmente evitou seu ataque cardíaco?... O carro assassino... A estranha história de Robert McNamara... Vamos jogar algumas caveiras escada abaixo!... Hurra para os cintos de segurança... O que há de errado no porte de armas?... Até que ponto os assentos de automóveis são bons? Os bonecos de testes não mentem... Por que os furacões matam e o que fazer a respeito.

CAPÍTULO 5

O QUE AL GORE E O MONTE PINATUBO TÊM EM COMUM?151

Em que analisamos de maneira fria e objetiva o aquecimento global.

Vamos derreter a calota polar!... O que é pior: descarga de carro ou peido de vaca?... Se você ama a Terra, coma mais carne de canguru... Tudo se resume em externalidades negativas... Dispositivos contra furto de carros: Club versus LoJack... Monte Pinatubo ensina uma lição... Os cavalheiros incrivelmente inteligentes, um tanto excêntricos, da Intellectual Ventures... Extermínio de mosquitos... “Senhor, eu sou todos os tipos de cientista!”... Uma verdade inconveniente... O que os modelos de clima ignoram... Será que o dióxido de carbono é o vilão errado?... “Vulcões grandões” e mudança climática... Como esfriar a Terra... A “mangueira de jardim para o céu”... Razões para odiar a geoengenharia... Saltando a barreira da repugnância... “Espelhos de esponja” e a solução das enfunadas nuvens brancas... Por que a mudança comportamental é tão difícil... Mãos sujas e médicos letais... Os prepúcios estão caindo.

EPÍLOGO

MACACO TAMBÉM É GENTE193

Onde se revela que... é melhor você ler para acreditar.

NOTAS199

ÍNDICE235

**POR QUE PROSTITUTA DE RUA É
COMO PAPAÍ-NOEL DE SHOPPING?**

Certa tarde, não muito tempo atrás, de um dia apazível, com temperatura amena, quase no fim do verão, uma mulher de 29 anos, chamada LaSheena, sentou-se no capô de um utilitário-esportivo, nas imediações de Dearborn Homes, empreendimento residencial no South Side de Chicago. Seus olhos traíam cansaço, mas, mesmo assim, tinha aparência jovem, o rosto bonito emoldurado pelos cabelos lisos. Vestia training largo, preto e vermelho, do tipo que sempre usara desde criança. Seus pais raramente tinham dinheiro para roupas novas e, assim, ela se acostumou com as roupas usadas que ganhava dos primos.

LaSheena descrevia como ganhava a vida, com seus quatro tipos de trabalho: ladra, olheira, cabeleireira e prostituta. Como ladra, roubava lojas e vendia os bagulhos. Como olheira, servia de observadora de uma gangue local que vendia drogas. Como cabeleireira, cobrava US\$8 de garotos e US\$12 de homens.

– Para você, qual é o pior trabalho?

- Prostituta – ela responde, sem hesitação.
- Por quê?
- Porque eu realmente não gosto de homem. Acho que a presença deles me incomoda mentalmente.
- E se a prostituição rendesse duas vezes mais?
- Será que eu faria mais? – ela pergunta. – Deixa pra lá.

Ao longo de toda a história, sempre foi mais fácil ser macho que fêmea. Sim, trata-se de excesso de generalização, e, sim, há exceções; mas, por qualquer critério importante, as mulheres sempre enfrentaram mais dificuldade que os homens. Muito embora os homens se incumbissem de boa parte das guerras, das caçadas e dos trabalhos de força bruta, a expectativa de vida das mulheres era mais curta. Algumas mortes eram mais insensatas que outras. Entre o século XIII e o século XIX, nada menos que um milhão de mulheres europeias, a maioria pobre e muitas delas viúvas, foram executadas sob acusação de feitiçaria, sendo responsabilizadas até pelo mau tempo que matava as plantações.

Por fim, as mulheres ultrapassaram os homens em expectativa de vida, graças, principalmente, aos avanços da medicina em obstetrícia. Em muitos países, contudo, ser mulher ainda é séria desvantagem, mesmo no século XXI. Na República dos Camarões, as mulheres jovens têm os seios “passados a ferro” – batidos ou massageados por um pilão de madeira ou por casca de coco aquecida – para torná-los menos tentadores como atrativo sexual. Na China, a prática de compressão dos pés finalmente foi abandonada (depois de quase mil anos), mas a probabilidade de abandono depois do nascimento, de analfabetismo e de suicídio é muito maior entre mulheres que entre homens. E as mulheres na Índia rural, como já escrevemos, continuam a enfrentar todos os tipos de discriminação.

Porém, sobretudo nos países desenvolvidos, a vida das mulheres melhorou muito. Não há comparação entre as perspectivas de uma menina nos Estados Unidos, na Inglaterra ou no Japão do século XXI com as de sua contraparte de um século ou dois atrás. Em quase todas as áreas – educação, direitos civis e políticos, oportunidades de carreira e assim por diante – é muito melhor ser mulher hoje que em qualquer outro momento da história. Em 1872, o primeiro ano para o qual se dispõe dessas estatísticas, 21% dos estudantes universitá-

rios dos Estados Unidos eram do sexo feminino. Hoje, a proporção é de 58% e continua em crescimento. Realmente foi uma revolução espantosa.

No entanto, ainda se paga preço econômico considerável por ser mulher. Nos Estados Unidos, a renda mediana nacional das mulheres com 25 anos ou mais, com pelo menos bacharelado, trabalhando em horário integral é de US\$47.000 por ano. No caso dos homens, em igualdade de condições, esse valor chega a mais de US\$66.000 por ano, prêmio de 40%. A mesma tendência se constata mesmo entre mulheres que cursaram universidades de elite. Claudia Goldin e Lawrence Katz, economistas, descobriram que entre ex-alunas e ex-alunos de Harvard as mulheres ganham, em média, *menos que a metade* da remuneração dos homens. Mesmo depois de restringirem e controlarem a comparação sob diferentes critérios, de modo a garantir maior igualdade de condições, Goldin e Katz constataram que as mulheres de Harvard ainda ganhavam cerca de 30% menos que seus colegas do sexo masculino.

O que poderia explicar esse enorme abismo sexual?

Vários são os fatores. As mulheres são mais tendentes a deixar a força de trabalho ou a preferir a carreira profissional para cuidar da família. Mesmo em ocupações de alta remuneração, como medicina e direito, as mulheres costumam optar por especialidades que pagam menos (clínico geral, por exemplo, ou advogado interno de empresas). E, provavelmente, ainda é grande a discriminação que se manifesta de diferentes formas, desde a ostensiva – não promover uma mulher, simplesmente por não ser homem – até a insidiosa. Muitos são os indícios de que as mulheres com excesso de peso sofrem perda salarial maior que os homens obesos. O mesmo se aplica a mulheres com dentes malcuidados.

Há ainda alguns coringas biológicos. Andrea Ichino e Enrico Moretti, também economistas, depois de analisar os dados pessoais dos empregados de um grande banco italiano, descobriram que as mulheres com menos de 45 anos tendiam a faltar ao trabalho, de maneira consistente, em ciclos de 28 dias. Plotando essas faltas contra as avaliações de produtividade, os pesquisadores apuraram que absenteísmo menstrual respondia por 14% das diferenças salariais entre homens e mulheres no banco.

Ou considere certa lei dos Estados Unidos, conhecida como Title IX, cujo objetivo amplo foi proibir a discriminação sexual em instituições de ensino, exigindo, por exemplo, que as escolas de ensino médio e superior pro-

porcionassem a homens e mulheres o mesmo nível de atividades esportivas. Em consequência, milhões de jovens mulheres aderiram aos novos programas. Conforme constatou o economista Betsey Stevenson, as meninas que participam de atividades esportivas nas escolas de nível médio são mais tendentes a entrar na universidade e a conseguir bom emprego. Especialmente em algumas das profissões de alta qualificação, geralmente dominadas por homens. Essa é uma boa notícia.

Mas a Title IX também trouxe más notícias para as mulheres. Quando a lei foi promulgada, mais de 90% das equipes esportivas femininas das universidades eram treinadas por mulheres. A Title IX tornou essa função muito mais atraente: os salários aumentaram e havia mais exposição e vibração. Como a comida barata de camponeses que de repente é “descoberta” pela elite culinária e migra com rapidez de espeluncas de caminhoneiros para restaurantes de gastrônomos, esses empregos rapidamente foram abocanhados por predadores vorazes: homens. Hoje, menos de 40% das equipes esportivas femininas das universidades são treinadas por mulheres. Entre os cargos mais visíveis dessa categoria estão os da Women’s National Basketball Association (WNBA), fundada 30 anos atrás, como corolário da NBA masculina. Quando da elaboração desta página, a WNBA tinha 13 equipes e apenas seis delas – outra vez, menos que 50% – eram treinadas por mulheres. No entanto, mesmo essa baixa participação já é melhoria em comparação com a vigente no décimo aniversário da entidade, quando apenas três de 14 treinadores eram mulheres.

Apesar de todo o avanço das mulheres no mercado de trabalho do século XXI, a trabalhadora típica estaria bem melhor se ao menos tivesse tido o bom-senso de nascer homem.

Mas existe um mercado de trabalho que as mulheres sempre dominaram: prostituição.

Seu modelo de negócios se baseia em premissa simples. Desde tempos imemoriais e em todo o mundo, os homens sempre quiseram mais sexo do que conseguem de graça. A consequência inevitável é uma oferta de mulheres que, pelo preço justo, estão dispostas a atender a essa demanda.

Hoje, a prostituição, em geral, é ilegal nos Estados Unidos, embora com algumas exceções e muitas inconsistências na garantia de observância. Nos pri-

meiros anos da história americana, a prostituição era moralmente condenada, mas não era considerada crime. Foi durante a Era Progressiva, mais ou menos da década de 1890 até a década de 1920, que essa leniência chegou ao fim. Em consequência do clamor público contra a “escravidão branca”, milhares de mulheres foram presas, não obstante a manifestação de vontade de trabalharem como prostituta.

O problema da escravidão branca se revelou exagero desmedido. Mas, a realidade talvez fosse ainda mais terrível: em vez de serem forçadas a praticar a prostituição, as mulheres escolhiam o ofício por vontade própria. No começo da década de 1910, o Departamento de Justiça realizou um censo de 310 cidades em 26 estados para avaliar o número de prostitutas nos Estados Unidos: “Chegamos ao número conservador de aproximadamente 200.000 mulheres no exército regular do vício.”

Na época, a população americana era de 22 milhões de mulheres entre as idades de 15 a 44 anos. Se os números do Departamento de Justiça merecem crédito, uma em cada 110 mulheres nessa faixa etária era prostituta. Mas a maioria das prostitutas, 85%, se situava na casa dos 20 anos. Nessa segunda faixa etária, uma em cada 50 mulheres era prostituta.

O mercado era especialmente forte em Chicago, que tinha mais de mil bordéis conhecidos. O prefeito constituiu, então, uma Comissão do Vício, composta de líderes religiosos, assim como de luminares das áreas educacional, legal e médica, além de autoridades municipais. Depois de sujarem as mãos, essa boa gente se deu conta de que lutava contra um inimigo ainda mais venal que o sexo: a economia.

“Não admira”, declarou a comissão, “que uma garota em tentação, que receba apenas US\$6 por semana trabalhando com as mãos, venda seu corpo a US\$25 por semana, ao constatar que há demanda por suas carnes e que os homens estão dispostos a pagar o preço.”

Convertido para dólares de hoje, os US\$6 por semana corresponde a um salário anual de apenas US\$6.500. A mesma mulher que se dedicasse à prostituição a US\$25 por semana ganhava o equivalente a US\$25.000 atualmente. Mas a própria Comissão do Vício reconheceu que US\$25 por semana era o extremo inferior da escala de remuneração das prostitutas de Chicago. Uma mulher que trabalhasse numa “dollar house” (alguns bordéis cobravam nada mais que 50 cents; outros cobravam de US\$5 ou US\$10) levava para casa a

média semanal de US\$70, ou o equivalente moderno a cerca de US\$76.000 por ano.

Bem no centro de Levee, o bairro do South Side, que abrigava blocos e mais blocos de bordéis, erguia-se o Everleigh Club, que a Comissão do Vício descreveu como “a casa de prostituição mais famosa e luxuosa do país”. Entre seus clientes incluíam-se gigantes dos negócios, políticos, atletas, artistas e até uns poucos cruzados antiprostituição. As prostitutas de Everleigh, conhecidas como “butterfly girls” (garotas borboletas), eram não só atraentes, higiênicas e confiáveis, mas também conversadoras brilhantes, capazes de citar poesia clássica, se era isso que inflava o bote de determinado cavalheiro. No livro *Sin in the Second City*, Karen Abbott relata que o Everleigh também oferecia refinadas iguarias sexuais, que não se conseguiam em outros lugares – o estilo “francês”, por exemplo, hoje conhecido como “sexo oral”.

Numa época em que um bom jantar custava US\$12 em moeda atual, os clientes do Everleigh se dispunham a pagar o equivalente a US\$250 apenas para entrar no clube e US\$370 por uma garrafa de champanhe. Em termos relativos, o sexo era muito barato: cerca de US\$1.250.

Ada e Minna Everleigh, as irmãs que dirigiam o bordel, conservavam seus ativos com cuidado. As borboletas recebiam alimentação saudável, excelente assistência médica, educação sofisticada e os melhores salários: nada menos que US\$400 por semana, ou o equivalente contemporâneo a cerca de US\$430.000 por ano.

Sem dúvida, a remuneração das borboletas do Everleigh não estava no mapa. Mas por que será que mesmo uma prostituta típica de Chicago, 100 anos atrás, ganhava tanto dinheiro?

A melhor resposta é que os salários são determinados em grande parte pelas leis da oferta e demanda, que, não raro, são mais poderosas que as leis dos legisladores.

Nos Estados Unidos, política e economia não se misturam bem. Os políticos têm todos os tipos e razões para aprovar todos os tipos de leis, que, por mais bem-intencionadas que sejam, nem sempre refletem a maneira como as pessoas reais respondem aos incentivos do mundo real.

Quando a prostituição foi criminalizada nos Estados Unidos, quase a totalidade dos recursos policiais se voltou contra as prostitutas, não contra os clientes. É uma situação típica. Como no caso de outros mercados ilícitos – lembre-

-se do tráfico de drogas e do mercado negro de armas – a maioria dos governos prefere punir os fornecedores, em vez dos compradores e consumidores.

No entanto, quando se prende um fornecedor, cria-se uma situação de escassez que, inevitavelmente, impulsiona os preços para cima, o que atrai ainda mais fornecedores para o mercado. A “guerra contra drogas” movida pelos Estados Unidos tem sido relativamente ineficaz exatamente por concentrar-se nos vendedores, não nos compradores. No mercado de drogas, embora os compradores evidentemente sejam mais numerosos que os vendedores, mais de 90% das penas, em termos de duração, se aplica aos traficantes.

E por que será que o clamor público não pune os usuários? Porque parece injusto castigar o peixe pequeno, o usuário, que, ainda por cima, é vítima do vício. Os fornecedores, enquanto isso, estão muito mais sujeitos à demonização.

No entanto, se um governo realmente quiser combater o comércio de bens e serviços ilícitos, a medida mais eficaz é perseguir os usuários, que promovem e asseguram a demanda. Se, por exemplo, a pena pela compra de serviços de prostituição for a castração dos usuários, no estilo Talião, o mercado se contrairia ou se extinguiria num piscar de olhos.

Na Chicago de 100 anos atrás, o risco da punição recaía quase inteiramente sobre a prostituta. Além da ameaça constante de prisão, o estigma social contra a prostituição era profundo. Talvez a mais assustadora das penas para a prostituta era a quase impossibilidade de conseguir bom marido. Combinando os fatos, conclui-se que a remuneração das prostitutas precisava ser muito alta para gerar oferta de mulheres capaz de atender à alta demanda dos homens.

O dinheiro grosso, evidentemente, ficava com as mulheres que cavalgavam o topo da pirâmide da prostituição. Quando o Everleigh Club foi fechado – A Comissão do Vício de Chicago finalmente venceu a parada –, Ada e Minna Everleigh haviam acumulado fortuna equivalente a US\$22 milhões em moeda de hoje.

A mansão na qual funcionava o Everleigh Club já se foi há muito tempo. Assim também todo o distrito de Levee. Até a malha urbana nas imediações do Everleigh foi substituída por projeto habitacional composto de vários prédios de apartamentos.

**POR QUE OS HOMENS-BOMBA
DEVEM ADQUIRIR SEGURO DE VIDA?**

Se você conhecer alguém no sudeste de Uganda que esteja esperando bebê para o próximo ano, torça, de todo o coração, para que a criança não nasça em maio; do contrário, a chance de o recém-nascido vir a ter, como adulto, deficiência visual, auditiva ou de aprendizado será 20% superior à da média das crianças.

Daqui a três anos, contudo, maio será um mês bom para nascimentos. Porém, o perigo não desaparecerá, apenas mudará de mês; agora, abril será o mais cruel dos meses.

Qual será a causa desse padrão bizarro? Antes de responder, considere o seguinte: o mesmo padrão foi identificado a meio mundo de distância, em Michigan. De fato, os nascimentos de maio, em Michigan, talvez envolvam riscos ainda maiores que os em Uganda.

Os economistas Douglas Almond e Bhashkar Mazumder têm uma resposta simples para esse fenômeno estranho e perturbador: Ramadan.

Algumas áreas de Michigan têm grande população muçulmana, assim como o sudeste de Uganda. O islamismo impõe jejum de comidas e bebidas durante o dia ao longo de todo o mês do Ramadan. A maioria das mulheres muçulmanas também jejua, mesmo grávidas; afinal, não é jejum de 24 horas. No entanto, conforme constataram Almond e Mazumder, ao analisarem muitos anos de dados sobre natalidade, o jejum pode afetar o desenvolvimento dos fetos e a gravidade dos efeitos depende do estágio da gestação quando da parcial abstinência de alimentos. As consequências são mais drásticas quando o jejum coincide com o primeiro mês de gravidez; no entanto, os efeitos podem manifestar-se quando a mãe jejua até o oitavo mês.

Como o islamismo segue o calendário lunar, o mês do Ramadan começa 11 dias antes a cada ano. Em 2009, ele se estendeu de 21 de agosto a 19 de setembro, o que torna maio de 2010 o mês mais desfavorável para nascimentos. Três anos depois, com o Ramadan começando em 20 de julho, abril será o mês mais adverso para dar à luz. O risco é ainda maior quando o Ramadan cai no verão, pois nessa estação os dias são mais longos e, portanto, as gestantes passam mais tempo sem comida e bebida. Essa é a razão de os efeitos sobre o nascimento serem ainda mais intensos em Michigan, com 15 horas de luz solar durante o verão, que em Uganda, na linha do equador e, portanto, com dias e noites de duração quase igual em qualquer época do ano.

Não é exagero afirmar que toda a vida da pessoa pode ser muito influenciada pelas condições do nascimento, em termos de tempo, lugar e circunstâncias. Mesmo os animais são suscetíveis a essa roleta natalícia. Kentucky, capital da criação de cavalos puro-sangue, foi atingida por estranha doença, em 2001, que deixou 500 potros natimortos e resultou em cerca de 3.000 perdas de fetos. Em 2004, quando essa geração reduzida de animais de três anos se tornou apta a competir, duas das três corridas Triple Crown foram vencidas por Smarty Jones, um potro cuja matriz fora inseminada em Kentucky, mas que voltara para casa, na Pensilvânia, antes de ser contaminada.

Esses efeitos natalícios não são tão raros quanto se poderia supor. Douglas Almond, analisando dados do U.S. Census, de 1960 a 1980, encontrou um grupo de pessoas cuja sorte terrível persistiu durante toda a vida. Esses indivíduos padeceram de mais doenças físicas e geraram menos renda ao longo da

vida que os nascidos apenas poucos meses antes ou depois. Elas se destacam nos registros censitários da mesma maneira como uma camada de cinzas vulcânicas sobressai nos estratos geológicos, uma faixa delgada de sedimento ominoso, entre duas grandes camadas de normalidade.

O que aconteceu?

Essas pessoas estavam no útero durante a pandemia de “gripe espanhola” de 1918. Foi uma praga terrível, que matou mais de meio milhão de americanos em apenas poucos meses – quantidade de baixas superior à de todas as guerras combatidas pelos Estados Unidos no século XX.

No entanto, mais de 25 milhões de americanos contraíram a gripe, mas sobreviveram. Aí se inclui uma em cada três mulheres em idade de procriação. As mulheres grávidas que foram infectadas durante a pandemia tiveram bebês que, como os do Ramadan, corriam o risco de ficar com sequelas pelo resto da vida, em consequência de estarem no ventre materno na época errada.

Outros efeitos natalícios, embora não tão sombrios, podem exercer influência significativa sobre o futuro. É prática comum, especialmente entre economistas, ser coautor de trabalhos acadêmicos, cujos autores são listados por ordem alfabética, pelo último nome. O que isso significa para um economista que, por acaso, foi batizado com o nome Albert Zyzmor, em vez de, por exemplo, Albert Aab? Dois economistas do mundo real abordaram essa questão e constataram que, mantendo-se iguais todos os demais fatores, o dr. Aab desfrutará de maior probabilidade de alcançar a estabilidade em universidade de elite, tornar-se fellow da Sociedade de Econometria (hurra!) e até ganhar o Prêmio Nobel.

“Na verdade”, concluíram os dois economistas, “um de nós está pensando, atualmente, em suprimir a primeira letra de seu sobrenome.” O nome pernicioso: Yariv.

Ou considere o seguinte: ao visitar o vestiário de uma equipe de futebol de primeira divisão, a probabilidade de interromper uma comemoração de aniversário é maior no começo do ano que no fim do ano. Análise recente dos registros de times de futebol ingleses, por exemplo, mostrou que nada menos que a metade dos jogadores nasceu entre janeiro e março, com a outra metade se dispersando entre os nove meses seguintes. Levantamento semelhante entre times de futebol alemães revelou que 52 jogadores de elite também

nasceram entre janeiro e março, enquanto apenas quatro vieram ao mundo entre outubro e dezembro.

Por que essa corcova tão acentuada na distribuição dos aniversários?

A maioria dos atletas de elite começa a praticar esportes ainda muito jovens. Como as atividades esportivas entre jovens são organizadas por idade, as equipes naturalmente impõem uma data de corte por faixa etária. Quase sempre essa data é 31 de dezembro.

Agora, imagine que você seja o treinador de um time de garotos de sete anos e esteja avaliando dois jogadores. O primeiro (chamado Jan) nasceu em 1º de janeiro enquanto o outro (chamado Tomas) nasceu 364 dias depois, em 31 de dezembro. Portanto, embora ambos, pelo critério adotado, se incluam na mesma faixa etária de sete anos, Jan é um ano mais velho que Tomas – diferença que, nessa idade tenra, é muito grande, conferindo vantagens substanciais ao que nasceu primeiro. Jan provavelmente será maior, mais rápido e mais maduro que Tomas.

Portanto, embora, no caso, esteja se considerando maturidade, em vez de habilidade, o que importa, no final das contas, é selecionar os melhores jogadores para a equipe. Provavelmente, o treinador não estará interessado, para efeitos imediatos, em ficar com o magricela mais jovem, por maior que seja seu potencial, quem sabe até de tornar-se astro com mais um ano de treinamento.

E, assim, começa o ciclo. Ano após ano, os garotos maiores, como Jan, são selecionados e estimulados, recebendo mais feedback e treinamento, enquanto os garotos como Tomas acabam ficando para trás. Esse “efeito da idade relativa”, como veio a ser bem conhecido, é tão forte em muitos esportes que se prolonga por todo o percurso dos escalões profissionais.

K. Anders Ericsson, sueco grandalhão, barbudo e entusiástico, é o cabeça de um bando jovial de acadêmicos de todo o mundo que se dedicam aos efeitos da idade relativa. Hoje, ele é professor de Psicologia na Florida State University, na qual recorre à pesquisa empírica para determinar o quanto do talento é “natural” e o quanto é adquirido. Conclusão: o atributo que em geral denominamos “talento bruto” é muito superestimado. “Muita gente acha que as pessoas nascem com limitações inatas”, diz. “Mas dispomos de muito poucas evidências concretas de que alguém seja capaz de alcançar qualquer espécie de desempenho excepcional sem se dedicar ao autoaperfeiçoamento.” Ou, em

outros termos, a excelência – no futebol, no piano, na cirurgia ou em programação de computadores – quase sempre é conquistada, não inata.*

E, é verdade, como sua avó sempre lhe dizia, que a prática realmente faz a perfeição. Mas não só a prática desordeira, ao acaso. O domínio de uma área, a mestria, decorre do que Ericsson denomina “prática deliberada”, o que significa mais que tocar ao piano a escala de C menor 100 vezes ou treinar saques de tênis até deslocar o ombro. A prática deliberada tem três componentes básicos: definição de objetivos específicos, obtenção de feedback imediato e concentração tanto em técnicas quanto em resultados.

As pessoas que se tornam excelentes em determinada área nem sempre são as mesmas que parecem “superdotadas” quando crianças ou jovens. Isso sugere que, quando se trata de escolher o que fazer na vida, as pessoas devem fazer o que amam – sim, sua avó também lhe disse isso – porque, se você não amar o que faz, dificilmente se empenhará o suficiente para ser bom no que faz.

Quando se começa a procurar, logo surgem as corcovas de aniversários. Veja o caso da Major League Baseball. A maioria das ligas juvenis dos Estados Unidos adota 31 de julho como data de corte. Daí se conclui que um garoto americano tem 50% a mais de probabilidade de jogar na primeira divisão se nascer em agosto em vez de em julho. Se você não acreditar muito, mas muito mesmo, em Astrologia, é difícil argumentar que alguém seja 50% melhor batedor que outrem só porque é de Leão enquanto outrem é de Câncer.

No entanto, por mais importantes que sejam os efeitos do nascimento, seria errado superestimar seu impulso. A data do nascimento pode ajudar, mas outras forças são muito mais poderosas. Se você quiser que seu filho seja um jogador da Major League Baseball, o mais importante a fazer – infinitamente mais importante que programar seu nascimento para agosto – é certificar-se de que a criança não nasça com dois cromossomos X. Agora que você tem um filho em vez de uma filha, você deve conhecer um único fator isolado que

* Poucos anos atrás, escrevemos uma coluna para a *New York Times Magazine*, “A Star is Made”, sobre a corcova dos aniversários e sobre as pesquisas de Ericsson a respeito do talento. Pretendíamos expandir essa coluna em capítulo do *SuperFreaknomics*. Infelizmente acabamos descartando esse capítulo, que já estava mais ou menos na metade, pois, no meio-tempo entre a publicação da coluna e a conclusão deste livro, o tema de repente se superpovoou de outros livros que enfatizavam a pesquisa de Ericsson, inclusive *Fora de Série – Outliers* (de Malcolm Gladwell), *Talent is Overrated* (de Geoff Colvin), e *The Talent Code* (de Dan Coyle).

aumenta em 800 vezes suas probabilidades de jogar na primeira divisão em comparação com as de outro menino escolhido ao acaso.

Mas o que poderia exercer influência tão poderosa?

Ter um pai que também jogou na Major League Baseball. Portanto, se o seu garoto não chegar lá, não há ninguém a culpar senão você mesmo: você deveria ter praticado com mais afinco quando era criança.

Algumas famílias produzem jogadores de beisebol; outras produzem terroristas.

A sabedoria convencional sustenta que o terrorista típico vem de família pobre e não tem boa escolaridade. A suposição parece sensata. Como as crianças oriundas de famílias de baixa renda e de baixa escolaridade são muito mais tendentes que a média a se tornarem criminosos, imagina-se que a mesma tendência se aplique aos terroristas.

Para verificar até que ponto o pressuposto era verdadeiro, o economista Alan Krueger vasculhou uma newsletter do Hezbollah, denominada *Al-Abd* (*O Juramento*) e compilou detalhes biográficos sobre 129 *shahids* (mártires) mortos em missão. Em seguida, comparou esses dados com os referentes a homens libaneses da mesma faixa etária, extraídos aleatoriamente da população do Líbano. Constatou, então, que os terroristas eram *menos* tendentes a originar-se de famílias pobres (28% versus 33%) e *mais* tendentes a ter escolaridade pelo menos de ensino médio (47% versus 38%).

Análise semelhante de Claude Berrebi sobre homens-bomba palestinos revelou que apenas 16% vinham de famílias pobres, em comparação com mais de 30% da população masculina de palestinos em geral. Mais de 60% deles tinham ido além do ensino médio, em comparação com 15% da população total.

Em geral, concluiu Krueger, “os terroristas tendem a ser oriundos de famílias de classe média, com boa escolaridade e alta renda”. Apesar de algumas exceções – o Exército Republicano Irlandês e os Tigres Tamil, do Sri Lanka, situações em que não se dispõem de evidências suficientes – a tendência prevalece em todo o mundo, dos grupos terroristas da América Latina aos membros da Al Qaeda, que realizaram os ataques de 11 de setembro, nos Estados Unidos.

Como explicar essa constatação surpreendente?

Talvez porque quando se está com fome não se tem tempo para ficar pensando em como explodir os outros e a si mesmo. Também pode ser que os

líderes terroristas atribuam grande valor à competência, uma vez que os ataques terroristas exigem mais orquestração que os crimes típicos.

Ademais, como observa Krueger, o crime basicamente é motivado pela perspectiva de ganhos pessoais, enquanto o terrorismo é acima de tudo um ato político. Na análise dele, o tipo de pessoa mais propensa a tornar-se terrorista é semelhante à espécie de pessoa mais tendente a... votar. Considere o terrorismo manifestação extremada de paixão cívica exacerbada.

Alguém que leu um pouco de história reconhecerá que o perfil terrorista de Krueger é muito semelhante ao do revolucionário típico. Fidel Castro e Che Guevara, Ho Chi Minh, Mahatma Gandhi, Leon Trotsky e Vladimir Lenin, Simón Bolívar, e Maximilien de Robespierre – nenhum deles é representante desqualificado da classe baixa.

Porém, os revolucionários e os terroristas têm objetivos diferentes. Os revolucionários querem derrubar e substituir um governo. Os terroristas querem – bem, nem sempre se sabe ao certo. Como disse um sociólogo, talvez o sonho deles seja refazer o mundo que consideram antiutópico; os terroristas religiosos podem querer estropiar as instituições seculares, para eles tão infiéis e odiosas. Krueger cita mais de uma centena de diferentes definições acadêmicas de terrorismo. “Numa conferência de 2002”, escreve, “ministros de mais de 50 Estados islâmicos concordaram em condenar o terrorismo, mas não conseguiram chegar a um acordo quanto à definição daquilo que estavam condenando.”

O que torna o terrorismo ainda mais desconcertante é que matar não é o objetivo em si. Ao contrário, é um meio para apavorar os vivos e estilhaçar suas vidas. Portanto, a eficiência do terrorismo é diabólica, exercendo muito mais impacto que qualquer espécie de violência não terrorista de mesma intensidade.

Em outubro de 2002, a área metropolitana de Washington, D.C., foi palco de 50 homicídios, número bastante típico. Mas dez deles foram muito diferentes. Em vez de brigas domésticas ou de lutas entre gangues, esses assassinatos foram consequências de tiros aleatórios e inexplicáveis. Pessoas comuns, cuidando da própria vida, eram baleadas enquanto abasteciam o carro, saíam do supermercado ou cortavam a grama de seus jardins. Depois dos primeiros assassinatos, o pânico se alastrou e em breve se tornava paralisante. A região praticamente cessou suas atividades. Escolas foram fechadas, eventos ao ar livre foram cancelados e muita gente simplesmente não saía de casa.

Que tipo de organização sofisticada e bem financiada concebera e impusera clima de terror tão intenso?

Apenas duas pessoas, como se veio a descobrir: um homem de 41 anos e sua cúmplice adolescente, disparando um rifle Bushmaster, calibre .223, de um velho Chevy sedan, cuja mala espaçosa se convertera em ninho de franco-atirador. Tão simples, tão barato e tão eficaz: essa é a alavanca do terror. Imagine que os 19 sequestradores do 11 de Setembro, em vez de se darem o trabalho de sequestrar aviões e lançá-los contra edifícios tivessem optado por espalhar-se pelo território americano, 19 homens, com 19 rifles, em 19 carros, cada um deles se deslocando para novas localidades todos os dias e atirando a esmo contra pessoas em postos de gasolina, escolas e restaurantes. Se os 19 atiradores sincronizassem suas ações, eles efetivamente teriam acionado o gatilho de uma bomba-relógio de âmbito nacional todos os dias. Teria sido difícil pegá-los, e mesmo que um deles fosse preso, os outros 18 prosseguiriam na disseminação do terror. Todo o país ficaria de joelhos.

O terrorismo é eficaz porque inflige custos a todos, não apenas às vítimas diretas. O mais substancial desses custos indiretos é o medo de um ataque futuro, embora esse receio seja extremamente exagerado. A probabilidade de que um americano médio morra em determinado ano de um ataque terrorista é de aproximadamente 1 em 5 milhões; a chance de que cometa suicídio é 575 vezes maior.

Considere, agora, os custos menos óbvios, também, como a perda de tempo e de liberdade. Lembre-se da última vez em que você transpôs a linha de segurança de um aeroporto e foi obrigado a tirar os sapatos, a passar pelo detector de metais apenas de meias e, então, capengar pelo recinto para recolher os seus pertences.

A beleza do terrorismo – se você for um terrorista – é que se alcança o sucesso mesmo no fracasso. Submetemo-nos a essa rotina de tirar os sapatos graças a um inglês desastrado, chamado Richard Reid, que, mesmo não conseguindo detonar sua bomba-sapato, impôs preço extorsivo à sociedade. Digamos que descalçar e calçar os sapatos nos aeroportos demore um minuto. Só nos Estados Unidos, esse procedimento acontece cerca de 560 milhões de vezes por ano, perfazendo 560 milhões de minutos ou mais de 1.065 anos – que, dividido por 77,8 anos (a expectativa de vida média dos americanos ao nascer) dá o total de 14 pessoas-vida. Portanto, ainda que não tenha conseguido matar